

A CULTURA VISUAL SOB O OLHAR DE HERNÁNDEZ: A LEITURA DE IMAGENS COMO FERRAMENTA DE ENSINO.

AMANDA MACHADO MADRUGA¹;
LÚCIA BERGAMASCHI COSTA WEYMAR²

¹*Universidade Federal de Pelotas – mdg.amanda@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – luciaweymar@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um fragmento do projeto de dissertação que está em fase de construção pela aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, do Centro de Artes da UFPel, Amanda Madruga. Assim, tem como objetivo geral apresentar definições de “cultura visual” e relacionar tais conceitos com metodologias de ensino abordadas por Fernando Hernández (2000, 2007).

Hernández é professor de História da Educação Artística e Psicologia da Arte na Universidade de Barcelona. Doutor em Psicologia, analisa as relações entre arte, escola e cotidiano. Propõe novas organizações do currículo com base em autores como o norte-americano John Dewey e o brasileiro Paulo Freire.

A definição de “cultura”, basicamente estabelecida por Ferreira (1993), cita o ato de cultivar como sendo chave para a compreensão do termo. Porém, ao somá-lo à palavra “visual”, ampliamos seu sentido. Obtemos acesso a um estudo que agrupa não só dois vocábulos em uma única expressão, mas, igualmente, desenvolve uma nova área do conhecimento.

Ao destacar a importância do “pensar visual”, propomos a abertura deste trabalho enquanto uma ferramenta de discussão, trazendo acepções objetivas às palavras que permeiam nossa pesquisa. Buscamos, ainda, conectá-las sempre que necessário para atingir significados ainda mais relevantes ao debate na área.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa baseia-se em um método qualitativo para atingir os objetivos propostos. A partir da consulta às obras de autores como Dana Arnold e Raimundo Martins pretendemos reunir conceitos já expostos sobre cultura visual e suas particularidades. A seguir, através da revisão bibliográfica da produção de Fernando Hernández, buscaremos mostrar como a teoria da cultura visual pode estar atrelada à prática educativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As imagens assumiram um papel fundamental na contemporaneidade, pois atravessam o nosso cotidiano trazendo constantes questionamentos. Tal assertiva vem ao encontro de Gilles Deleuze e Félix Guattari (*apud* Martins, 2008, p. 32) quando afirmam que os elementos visuais são “voláteis” e que “ao penetrarem a mente, criam pegadas simbólicas”. Sendo assim, torna-se impossível ignorar tal apelo no dia-a-dia, afinal, é presença influente nas relações atuais do sujeito com o mundo. Contudo, surgem áreas capazes de abraçar e

entender as mais diferentes formas de comunicação e seus alcances, como a cultura visual, dentre elas.

De acordo com Dana Arnold (2011), a cultura visual possui um campo de análise mais amplo que o da história da arte. Ao incluir mídias como o audiovisual, seus estudos ultrapassam a esfera da arte tradicionalmente concebida para também incluir a ideia de movimento, luz e velocidade. A publicidade e a realidade virtual, por exemplo, passam a fazer parte desse universo que abre espaço para o cotidiano. Assim, não só a imagem tem relevância; soma-se, a ela, o exame do processo fisiológico do olhar e a percepção.

Em paralelo, Hernández (2007, p. 22) mostra a cultura visual como uma expressão referente aos exercícios e interpretações críticas das diferentes posições e práticas culturais e sociais do olhar. Considera, também, “as representações culturais” e, mais especificamente, as “maneiras subjetivas e intrasubjetivas de ver o mundo e a si mesmo” como fatores importantes deste processo.

Sendo assim, podemos entender cultura visual como um campo que articula a imagem desde as expressões artísticas mais tradicionais até as apresentações visuais alocadas nas mídias contemporâneas. É possível considerá-la, ainda, como um conceito que parte do olhar, desde sua forma mais essencial - a questão fisiológica - até as interpretações e reflexos que acontecem através da percepção do indivíduo, em si e no mundo.

Nesse campo de trabalho, diante das ideias até aqui mencionadas, Hernández (2007, p. 24) apresenta a expressão “alfabetismo visual crítico”. Ele defende práticas de ensino que incluem a leitura de imagens e as posiciona entre as experiências necessárias nas salas de aula, propondo métodos que estimulem a capacidade humana de ver e interpretar os signos.

Hernández (2000) vincula cultura com a experiência cotidiana. Sendo assim, é possível compreender a sugestão de cultura visual como um meio interdisciplinar e multirreferencial. O campo de estudo possui relações mais estreitas com sentidos produzidos culturalmente - considerando questões como valores e identidades - do que com nomenclaturas sociologicamente pré-estabelecidas.

Torna-se limitado, então, encaixar um estudo tão vasto apenas em linhas de compreensão da imagem. Hernández (2000) apresenta a noção de que a teoria abrange um contexto muito maior, com potencial para atuar nas relações de poder e nas relações sociais, por exemplo. Considerando a flexibilidade dos tempos atuais, o autor enfatiza o elo construtor/intérprete. Com isso, há o objetivo de refletir a dinamicidade da contemporaneidade na qual as experiências pessoais estão constantemente presentes nas leituras estabelecidas pelo sujeito.

Por isso, a escola coloca-se como cenário possível do trabalho crítico sobre as vivências. Hernández (2000) sinaliza a necessidade de manter a atenção na atualidade e, ainda, no papel do educador como articulador das realidades. Também propõe a ampliação dos saberes já incorporados pelo educando ao apresentar-se no ambiente escolar, ao invés do educador somente na posição de proponente do ensino.

4. CONCLUSÕES

Sendo a cultura visual um conceito que contempla a leitura de imagens com o objetivo de melhor desenvolver suas influências na atualidade,

identificamos a necessidade de pensarmos não só a visualidade, mas, também, as práticas sobre tal.

Por isso, a mudança sugerida por Hernández (2000) no ensino das artes é inovadora. Ao inverter os papéis do educador e do educando em momentos pontuais, como na proposição do aprendizado, a criatividade é estimulada e abre espaço para novas descobertas. Ao refletirmos a educação em paralelo com as definições de cultura visual, agregamos valores que enriquecem as conexões, atingindo resultados satisfatórios em ambiente escolar.

A necessidade de inclusão, baseada no senso de justiça, sinaliza a importância de avançar em pesquisas que estimulem metodologias que acompanhem a pluralidade da pós-modernidade. No atual contexto, é preciso pensar as artes pelo viés das diferenças e sempre pautadas em questões fundamentais como gênero, por exemplo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOLD, D. **Introdução a História da Arte**. São Paulo: Ática, 2011.

DUTRA, J.R. Práticas do olhar: atrelamentos entre arte e cultura visual. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza: 2013. Disponível em: <http://semanaacademica.org.br/artigo/praticas-do-olhar-atrelamentos-entre-arte-e-cultura-visual>.

Acessado em: 03/10/2017.

FERREIRA, A.B.H. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual, mudança educativa e processo de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARTINS, R. **Visualidade e educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008.

SARDELICH, M.E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: 2006. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/405>
Acessado em: 03/10/2017.